

Da nascente na serra de Albarracín ao desembocar no Oceano Atlântico, o Tejo corre sem igual. Começar nas três pontas que ao mesmo tempo se escutam a si mesmas “sobrevivendo com um único centro - eis o caminho”<sup>1</sup>.

García Lorca falou numa carta da sua preocupação em não ser capaz de agarrar um pôr do sol num poema. Hoje em dia, lidamos cada vez melhor com essa impossibilidade da arte.

A instalação Todos somos água de Mikha-ez relaciona-se sem complexos com esse anseio artístico. O projeto propõe uma reflexão sobre o rio Tejo, que é transferido através de extratos muito escolhidos da sua natureza para o espaço da Cisterna da Faculdade de Belas Artes, de forma a reafirmar também o reservatório de água que ali existiu no mosteiro, antiga ermida construída por franciscanos no século XIII.

Após a sua intervenção, a sala é invadida por três gravações sonoras realizadas em três pontos-chave do curso do rio: nascimento, Mar da Palha e oceano, bem como pela própria água do Tejo infiltrada em forma de fina neblina na Cisterna. O conjunto das três gravações, que se escutam da introdução ao desfecho - ou do nascimento à foz - adquire a qualidade de peças musicais clássicas.

A nascente do rio que permite sentir a água a fluir através de um leito de rio estreito ou irregular; de seguida, o som da água que chega ao Mar da Palha, uma corrente de fundo no meio do curso do rio, notando-se, aliás, alguma irregularidade no seu fluxo; enquanto a terceira, quando as águas chegam ao oceano ouve-se o respirar do rio, já não há mais obstáculos que quebram o fluxo, há apenas o despejo, o desejo do rio espriar-se sobre o oceano como uma cascata, uma queda de água, um mergulho sem fim, e, por fim, o desenlace. É, desta forma, que se permite fazer um paralelismo entre os sons do rio e os andamentos de uma peça musical que surge muito naturalmente, em crescendo.

O trabalho implantado já não é o próprio rio, é uma experiência do rio, comprimindo os seus 1007 quilómetros a apenas 50 metros de comprimento no espaço; uma visão de conjunto absoluta da sua paisagem sonora, do nascimento à foz. Com o trabalho de Mikha-ez na Cisterna, o que Paul Valery afirmou sobre a obra de arte: “um espaço fechado de um trabalho sem fim”<sup>2</sup> adquire pleno significado. Sem fim é, em primeiro lugar, o próprio objeto de estudo, neste caso o rio sem fim. A sua imensurável magnitude ativa um pensamento global (seguindo a natureza do Tejo), que liga tantos pontos geográficos no decurso do rio, levando conseqüentemente a um esbatimento de fronteiras políticas que marcam os dois países por onde o Tejo passa - Portugal e Espanha.

1 Gonçalo M Tavares, *Uma Viagem à Índia*, Ed. Caminho, Lisboa, 2010. 301.

2 Cf. Maurice Blanchot, *El espacio literario*, Ed. Nacional, Madrid, 2002. 17

Pensando neste Tejo que corre por aldeias, cidades, regiões, criando a consistência no movimento, fluxo de água e paisagem natural, compreende-se que Portugal e Espanha são ambos a mesma terra. É ao participar da humildade de um elemento natural que se descobre que os limites políticos impostos são mais-que-imaginários; melhor, conseguem ativar todas as localizações geográficas além das já conhecidas nascente, estuário e foz.

Mikha-ez faz anotações sensoriais da viagem do Tejo traçadas através dos sons que se ouvem em cada extremidade e ao centro da sala. Utilizando os recursos artísticos de expansão e isolamento, gera-se algum tipo de hiper-realismo que, em última análise, se transforma em pura fantasia e acelera a experiência estética. No exemplo do Tejo, fica provado que “vidas são os rios que vão para o mar”<sup>3</sup>, isto é, que um rio - depois o mar - pode agir como um agente equalizador entre as mais diversas pessoas e paisagens. O rio recorda que Todos somos água, em suma. É reconfortante, no nosso tempo, este apelo para diluir identidades, para nos diluir a nós próprios na água.